

O CARÁTER CIENTÍFICO DA TEOLOGIA: UMA HERMENÊUTICA CONTEMPLATIVA E APOLOGÉTICA EM VISTA DO BEM COMUM

THE SCIENTIFIC CHARACTER OF THEOLOGY: A CONTEMPLATIVE AND APOLOGETIC HERMENEUTICS IN VIEW OF THE COMMON GOOD

Thiago De Moliner Eufrásio¹

RESUMO

O status de ciência da teologia ainda é pouco conhecido. No Brasil, seu reconhecimento pela Lei de Diretrizes e Base da Educação se deu em dois momentos, respectivamente em 1980 e 1996. Dentro da pluralidade do conhecimento científico a teologia está no elenco das ciências hermenêuticas. A científicidade da teologia oferece para a vivência cristã e a práxis pastoral critérios de discernimento e sistematização para uma adequada leitura da realidade. A teologia enquanto ciência tem como diferencial o ato de fé de quem a ela se dedica. A validade de seu caráter apologético aponta à necessidade uma fundamentação cada vez mais amadurecida e apta ao diálogo em um cenário cada vez mais plural. A vida cristã quando acompanhada do conhecimento teológico torna-se ainda mais comprometedora, dada a consciência crítica que emerge do Evangelho.

Palavras-chave: Apologética; Ciência; Hermenêutica; Pastoral; Teologia.

ABSTRACT

Theology's status as a science is still little known. In Brazil, its recognition by the Law of Guidelines and Bases of Education occurred twice, in 1980 and 1996, respectively. Within the plurality of scientific knowledge, theology is among the hermeneutical sciences. The scientific nature of theology offers Christian living and pastoral practice criteria for discernment and systematization, enabling an adequate understanding of reality. Theology, as a science, is distinguished by the act of faith of those who dedicate themselves to it. The validity of its apologetic character highlights the need for an increasingly mature foundation, capable of dialogue in an increasingly pluralistic context. When accompanied by theological knowledge, Christian life becomes even more challenging, given the critical consciousness that emerges from the Gospel.

Keywords: Apologetics; Science; Hermeneutics; Pastoral; Theology.

¹ Doutor em Teologia Sistemática. Assessor da Comissão Episcopal para a Doutrina da Fé na CNBB. Coordenador e professor no curso de Graduação em Teologia na Universidade Franciscana (UFN), Santa Maria, RS. Membro do corpo editorial da Memoriae Comunicação. E-mail: thiagomoliner@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3568-9277>

INTRODUÇÃO

O termo teologia, antes de ser cristão, é filosófico. Pode soar estranho afirmar isso, mas o processo de cristianização do termo *teologia* levou séculos. Inicialmente foi um termo cunhado para identificar falas e escritos sobre mitologias, metafísica e o culto público. No decorrer dos séculos, a fé cristã, ora rejeitou, ora simpatizou com essa que seria a palavra escolhida para falar sobre o Deus revelado em Jesus Cristo. Quando a fé cristã nascente entra em contato com a cultura grega, nasce a necessidade de sistematizar e fundamentar a reflexão sobre a fé. Desse encontro inicia o processo da teologia cristã que buscará dar as razões de sua esperança.

No decorrer dos séculos, ao lado da filosofia, a teologia foi desenvolvendo seu próprio método, linguagem e abordagem. Sua científicidade foi paulatinamente ganhando contornos e sendo reconhecida. Assim, partindo da revelação de Deus em Jesus Cristo, a teologia cristã oferece, hoje, sua leitura da realidade e se insere no elenco das ciências como hermenêutica. A partir dessa leitura da realidade como ciência hermenêutica, confronta seu conteúdo sistematizado na Escritura e na Tradição com os dados da realidade desenvolvendo uma apologética que oferece a compreensão do sentido da vida como realidade dada a ser reconhecida.

Assim sendo, a pergunta que acompanha esse artigo é: que objetividade se encontra no discurso teológico para que possa ser considerado ciência? A tese que sustenta essa reflexão vem da definição de teologia como hermenêutica que interpreta a realidade a partir de um dado histórico e, ao mesmo tempo, de fé: a revelação de Deus em Jesus de Nazaré, o Cristo. Desse modo, o que se pretende é reunir elementos que permitem classificar o conhecimento teológico como ciência, observar sua operação e proposição. Por fim, sublinhar a partir do Concílio Vaticano II o que se pode entender como a contribuição do estudo teológico hoje.

1 TEOLOGIA COMO CIÊNCIA

A história da teologia cristã tem suas raízes no encontro da fé cristã com a cultura grega nos primeiros séculos da era cristã.² Dentro do panorama educacional brasileiro, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) reconhece os cursos de pós-graduação em Teologia em 1980, e, a partir 1996, também tiveram reconhecimento os cursos de graduação. Esse dado merece uma interrogação: por que o Estado laico reconhece a científicidade dos cursos de Teologia?

Seguramente, essa não é uma pergunta simples de responder, mas é possível recolher algumas intuições. Segundo Urbano Zilles, a dimensão científica da teologia pode ser justificada tendo presente que “o conceito de ciência não é unívoco, pois há muitas e variadas ciências: ciências humanas, ciências empíricas, ciências empírico-formais, etc. Por isso a resposta à pergunta, se a teologia é ciência, depende do conceito de ciência que se usar”.³

2 Juan Alfaro, chama atenção para a percepção de que essa relação não é algo do passado, mas que se mantém ao longo da história até aos dias de hoje: “La historia muestra que la teología surgió en el encuentro de la fe Cristiana con la filosofía griega y que su relación misma con la filosofía ha evolucionado con la aparición de filosofías nuevas. Se trata pues de una cuestión abierta al futuro de la teología y de la filosofía y cuya formulación en el momento presente exige tener en cuenta la filosofía moderna.” (ALFARO, Juan. *Revelación Cristiana, fe y teología*, p. 123.)

3 ZILLES, U. *História da teologia cristã*, p. 168.

O conceito de ciência é plural com objetos, finalidades e métodos próprios. Por isso não se deve tomar uma ciência particular como modelo universal⁴. Antes disso, cada ciência tem seu objeto, sua interpretação e sua relação com os demais conhecimentos. Em um cenário científico tão plural o desafio permanente é estabelecer diálogo entre diferentes saberes reconhecendo a científicidade de cada um deles. A pluralidade do conhecimento exige do pesquisador uma humildade intelectual para admitir a insuficiência de um único modo de pensar.

Para o filósofo Jean Ladrière:

se há uma lição a tirar da evolução das ciências modernas e de toda a reflexão crítica que se desenvolveu desde mais de meio século sobre o estatuto do conhecimento científico, é justamente que a ideia de científicidade não responde a um modelo unívoco.⁵

Nesse horizonte é que se deve situar o conhecimento teológico a fim de identificar seus elementos fundamentais. Para isso, convém partir da percepção de que as ciências se agrupam em dedutivas,⁶ empírico-formais⁷ e hermenêuticas.⁸ Em se tratando de teologia, pode-se dizer que ela participa do status de ciência por ter características que estão presentes nesses diferentes tipos de ciências, a saber: criticidade, sistematização e autoamplificação.⁹ Para que isso fique mais evidente, de modo sumário se pode observar cada um desses elementos no terreno teológico.

Pois bem, diz-se que a teologia é um saber crítico. A teologia possui seu método em função de seu objeto, ou seja, “a teologia é [...] um saber edificado sobre a análise crítico-metódica das verdades da fé [...] esta se exerce sempre a partir de uma doação originária de sentido, precisamente o sentido já dado pela fé”.¹⁰ Trata-se, pois, da interpretação que provém da realidade da fé.

É a teologia um saber sistemático, afirma-se. Como toda ciência, a teologia possui um corpo de conhecimento; ela não cria explicações e teorias para, depois, testá-las, mas procura captá-las da realidade que a ela se apresenta e com a qual se envolve. Neste sentido, “a função principal do método teológico é arrumar os dados em sistemas orgânicos que deem conta, no máximo grau possível, de todos os dados da fé”.¹¹ Trata-se, pois, da organização e explicitação dos conteúdos.

4 Cf. BOFF, C. *Teoria do método teológico*, p. 89-90.

5 LADRIÈRE, J., apud BOFF, C. *Teoria do método teológico*, p. 90.

6 Ciência dedutiva: “são hoje a matemática e a lógica formal. Seu método é este: arrancam de princípios, procedendo daí por deduções [...] mais que deduções, nessas ciências vale a caracterização dos seus objetos abstratos mediante a descrição de suas propriedades” (BOFF, C. *Teoria do método teológico*, p. 91).

7 Ciência empírico-formal “são as ‘ciências da natureza’, especialmente a física. Seu método consiste em colocar, como princípio, as hipóteses, e buscar seu controle empírico mediante o procedimento da refutação” (BOFF, C. *Teoria do método teológico*, p. 91).

8 Ciência hermenêutica: “são as chamadas ‘ciências humanas’. Dizem-se hermenêuticas porque buscam saber das intenções significativas que atuam nas ações do ser humano. Seu método é a partir de hipótese de sentido e tentar, em seguida, sua sistematização” (BOFF, C. *Teoria do método teológico*, p. 91).

9 Cf. BOFF, C. *Teoria do método teológico*, p. 90,

10 BOFF, C. *Teoria do método teológico*, p. 93.

11 BOFF, C. *Teoria do método teológico*, p. 94.

Por fim, a teologia é autoamplificativa, e isso a torna dinâmica. No caso da teologia como ciência hermenêutica, essa característica é fundamental, pois as “organizações de sentido que buscam ‘saturar’ explicativamente o campo próprio de estudo se revelam sempre curtas. Daí as contínuas retomadas de explcação no curso das pesquisas históricas”.¹² Trata-se, pois, do aprofundamento e atualização do conhecimento.

Em linhas gerais, pode-se situar a teologia no campo das ciências humanas, ou hermenêuticas por procurar compreender, explicitar e aprofundar a palavra de Deus (na qual se encontra o sentido da fé) e desde esta Palavra, iluminar a vivência cristã para que seja também acessível, válida e relevante hoje. Isso feito, é preciso perguntar: qual a fonte da teologia? O axioma *fides quaerens intellectum* proposto por santo Anselmo, ou a afirmação de santo Tomás de Aquino: “No fervor de sua fé, a pessoa ama a verdade em que crê, revolve-a no seu espírito e a abraça, procurando encontrar razões para seu amor”,¹³ oferecem pistas para essa resposta.

O exercício teológico pressupõe a fé do teólogo uma vez que não se trata de mera especulação, mas de uma abertura ao mistério de Deus que se revela. Assim sendo, apresenta-se um pressuposto, um ponto de partida: a fé.¹⁴ Trata-se, portanto, da ciência da fé cujo objetivo “não é propriamente a contemplação meditativa, mas a confirmação racional da consistência da fé, ou seja, a fé responsabilizada perante a razão humana como tal, que permite [...] dialogar com todos os homens”¹⁵.

Mais que um saber intelectual, cabe dizer, a fé é um dom. Portanto, algo dado na gratuidade de Deus à criatura constituída *capax Dei*. Como ciência hermenêutica, a teologia propõe um caminho de conversão que se efetiva, segundo a Constituição Dogmática *Dei Filius*, como resposta de adesão do *intellectus et voluntatis*¹⁶ ao Deus que se revela. Sobre isso assinalou E. Schillebeckx: “esse contato com o Deus vivo não pode resultar do esforço humano: requer, necessariamente, a iniciativa da graça e da revelação divina que ela implica”¹⁷. Nasce, portanto, de um encontro espiritual, ou seja, no profundo da consciência fecundada pela Sabedoria eterna que encontra correspondência nos dados da realidade.

Essa perspectiva faz da ciência teológica um exercício constante de atualização da compreensão do querer de Deus para a humanidade, sua salvação. “O Ser que faz ser todas as coisas”¹⁸ oferece ao ser humano uma compreensão de si mesmo e da própria realidade como movimento de plenitude e integração. Esse conhecimento da verdade como sinônimo de realidade aponta para a tarefa primordial da teologia em atenção ao que se pode ler no profeta Oseias: “meu povo será destruído por falta de

12 BOFF, C. *Teoria do método teológico*, p. 95.

13 AQUINO, T. *Suma Teológica*, II-II, q. 2, a. 10, c.

14 Essa relação é apresentada por Juan Alfaro nos seguintes termos: “La teología no prescinde de la opción de la fe, sino que es vitalmente impulsada por ella (‘intencionalidad de la fe’): el teólogo piensa como creyente, a saber, actuando la opción de su fe y dentro de la experiencia totalmente singular de la fe.” ((ALFARO, Juan. *Revelación Cristiana, fe y teología*, p. 124)

15 ZILLES, U. *História da teologia cristã*, p. 186.

16 “Visto que o homem depende inteiramente de Deus como seu criador e Senhor, e que a razão criada está inteiramente sujeita à Verdade incriada, somos obrigados a prestar, pela fé, a Deus que revela, plena adesão do intelecto e da vontade” (Denzinger Hünemann 3008).

17 SCHILLEBEECKX, E. *Revelação e teologia*, p. 86.

18 Expressão usada Por Jean-Yves Leloup na tradução do Livro da Sabedoria ao citar o tetragrama sagrado YHWH. Cf. LELOUP, J-Y. *O Livro de Salomão: a sabedoria da contemplação*, p. 13.

conhecimento” (Os 4,6a). Assim sendo, é possível perceber que salvação e conhecimento estão implica-dos com a finalidade de conduzir tudo à perfeição, isto é, à plenitude do bem, do belo e do verdadeiro.

A Congregação para a Doutrina da Fé, na instrução *Donum Veritatis*, assim afirmou:

O trabalho do teólogo responde assim ao dinamismo interno da própria fé: por sua natureza a Verdade quer comunicar-se, já que o homem foi criado para perceber a verdade, e deseja no mais profundo de si mesmo conhecê-la para nela se encontrar e para ali encontrar a sua salvação (cf. 1 Tm 2, 4). (*Donum Veritatis* 7)

Esses elementos levam à percepção de que o exercício teológico é possível a partir de um encontro cuja iniciativa é de Deus, pois “habita uma luz inacessível, que nenhum homem viu, nem pode ver” (1Tm 6,16). Essa iniciativa, como afirma o Concílio Vaticano II, tem como propósito “revelar-se a si mesma e tornar conhecido o mistério de sua vontade [...] pelo qual os homens [...] se tornam participantes da natureza divina” (*Dei Verbum* 2). Deste modo, por meio do estudo teológico, torna-se mais evidente o propósito dessa ciência: compreender o mistério da vida humana à luz da Revelação de Deus a partir de Jesus Cristo que pela fé conduz o ser humano em um caminho de plenitude e comunhão.¹⁹

Em tempos de relativismos e da verdade como produto do subjetivismo, vale ressaltar que o dado da fé não é somente subjetivo, o que tornaria inviável sua científicidade. Há um aspecto objetivo próprio da verdade que não é produzida, mas reconhecida naquilo que é real e, portanto, verificável. Segundo a Instrução *Donum Veritatis*,

Na fé cristã, conhecimento e vida, verdade e existência são intrinsecamente unidas. A verdade dada na revelação de Deus ultrapassa, evidentemente, as capacidades de conhecimento do homem, mas não se opõe à razão humana. Pelo contrário, ela a penetra, eleva e apela à responsabilidade de cada um (cf. 1 Pd 3, 15) (*Donum Veritatis* 1).

Ao que é dado se espera disponibilidade, ou melhor, a adesão que não se origina de uma mera especulação, mas de uma constatação contemplativa. Na fé, diz Schillebeeckx, “a função de conhecimento é determinada pela vontade, movida, também esta, pela graça e por isso tendente para a realidade salvadora que a ela se oferece”²⁰. Segundo a Congregação para a Doutrina da Fé, esta verdade revelada em Jesus Cristo tem em si uma força unificante, libertando o ser humano de sua autossuficiência que o aprisiona pela ignorância da verdade. A adesão à verdade revelada, além de um caminho para Deus, gera entre os seres humanos uma nova dimensão de comunhão (cf. *Donum Veritatis* 3).

2 TEOLOGIA: CIÊNCIA HERMENÊUTICA

Falar em verdade absoluta pode soar estranho uma vez que os métodos científicos comumente se baseiam em corroborações que, por definição, não são absolutas, por estarem fundadas nas limitações

¹⁹ “A salvação é próprio ato do encontro de Deus com o homem, e a sua primeira etapa fundamental consiste no ato de fé” (SCHILLEBEECKX, E. *Revelação e teologia*, p. 86).

²⁰ SCHILLEBEECKX, E. *Revelação e teologia*, p. 88.

de fenômenos. Com o advento da ciência moderna e o deslocamento do *cogito ergo sum* para *cogito ergo facio*, dispor-se a algo dado pela via da contemplação hermenêutica é um desafio constante à teologia. Afinal, com a ascensão da técnica, passa a ser verdadeiro apenas o que pode ser testado e repetido. Assim, a ciência foi se apresentando cada vez mais como sinônimo de factibilidade e corroboração.

A teologia, por vezes, foi tangenciada por perspectivas factuais. Mesmo que a fé cristã seja um chamado constante ao compromisso com a história e o seu destino, é necessário percebê-la como uma verdade para além dos reducionismos históricos factuais. Sem essa prudência, a ciência teológica poderá sucumbir ao reducionismo que a configura como instrumento de leitura da realidade à beira da manipulação ideologizada.²¹ Outrossim,

a fé visa um plano totalmente diferente daquele em que se situam o fazer e a factibilidade, pois ela é essencialmente confiança naquilo que não foi feito por nós e que jamais poderá ser feito e que, nessa condição, sustenta e possibilita tudo o que fazemos.²²

Aqui se descortina o desafio da teologia: afirmar que a descoberta da realidade que carrega o sentido último da vida não é algo produzido, mas apresentado por um Outro. Nesse sentido, é significativa a afirmação de Schillebeeckx acerca do conhecimento teológico: “a curiosidade não é o fundamento da teologia! A realidade que se apresenta revela-se como um valor para a vida humana, como aquilo por que a vida vale a pena ser vivida”.²³ No exercício teológico, o *homo faber* dá lugar ao *homo capax Dei*, que não constrói um sentido último para a vida, mas o reconhece como algo dado na realidade, iluminando e descortinado pela Revelação de Deus em Jesus Cristo.

Na verdade última está também o sentido das coisas, diz Ratzinger. Para ele, “um sentido produzido por nós mesmos [...] deixa de ter sentido. O sentido, ou seja, o chão sobre o qual pode firmar-se e viver a nossa existência como um todo, não pode ser produzido, ele só pode ser recebido”.²⁴ Nesse prisma, a ciência teológica leva a compreender que a humanidade carrega em sua constituição um convite de alteridade. Essa alteridade, por conseguinte, não pode se realizar consigo mesma, mas requer um outro, ou melhor, um Totalmente Outro.

É razoável pensar, portanto, que o *si mesmo* de cada ser humano autoconsciente não é apenas produto de uma evolução biológica, mas dom inscrito na própria constituição humana pela presença de um Ser que diz *eu sou* no íntimo da consciência humana. Nessa intimidade de uma consciência pura, o ato de crer se torna uma resposta ao *logos* criador, que sustenta e comunica sentido a todas as coisas.²⁵ Essa constatação inspira o exercício teológico a inscrever-se no elenco das ciências com sua hermenêutica própria.

21 “Quando as duas tentativas citadas [*factum* e *faciendum*] se tornam exclusivas, de modo que a fé fica totalmente transferida para o nível o *factum* ou da factibilidade, encobre-se em última análise o verdadeiro significado da palavra ‘credo’ - ‘creio.’” (RATZINGER, J. *Introdução ao cristianismo*, p. 52).

22 RATZINGER, J. *Introdução ao cristianismo*, p. 53.

23 SCHILLEBEECKX, E. *Revelação e teologia*, p. 89.

24 RATZINGER, J. *Introdução ao cristianismo*, p. 55.

25 “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito. O que foi feito nele era a vida e a vida era a luz dos homens” (Jo 1,1-4)

O papa Francisco, na encíclica *Evangeli Gaudium*, sublinha que esta hermenêutica não é senão o modo como o bem se comunica. A esse respeito, escreve o Pontífice: “Toda a experiência autêntica de verdade e de beleza procura, por si mesma, a sua expansão; e qualquer pessoa que viva uma libertação profunda adquire maior sensibilidade face às necessidades dos outros” (*Evangeli Gaudium* 9). Desse modo, os elementos objetivo e subjetivo da fé não são paralelos, tampouco tangentes. São, antes, entrelaçados entre si no ato de crer. Logo, pode-se dizer que a subjetividade da reação humana frente ao mistério de Deus, objetivamente revelado em Jesus Cristo, é a origem da reflexão teológica e aponta para seu caráter existencial.

A relevância do conhecimento teológico objetivo na prática pastoral se localiza, mormente, na necessidade de explicitar e decodificar os conteúdos da fé de uma forma cada vez mais existencial, pois a fé é uma virtude sobrenatural pela qual é possível crer (cf. Denzinger Hünemann 3008). O cultivo da fé sem uma adequada formação pode levar o crente na direção da superstição ou de um costume que perde seu sentido mais profundo.

Em busca dessa objetividade clara e distinta, faz-se necessário que as razões da esperança que tem a fé como núcleo supere a ruptura entre a reflexão e a práxis. Essa ruptura pode ser vencida com passos que permitam ao crente perceber a dimensão existencial da revelação como realidade dada, haja vista que a história humana é o espaço dessa mesma revelação.²⁶ Considerando essa relação, o teólogo luterano Bonhoeffer, no exílio germânico, escreveu:

eu gostaria de falar de Deus não nos limites, mas no centro, não na debilidade, mas na força, não na morte e na culpa, mas na vida e na bondade do homem. A Igreja não reside onde a capacidade do homem nada mais pode, nos limites, e sim no meio da cidade”.²⁷

Inscrever a teologia no elenco das ciências hermenêuticas não é tarefa simples, já que o “conteúdo da fé é incontestavelmente bastante misterioso para o espírito humano, porém este não crê, entretanto, numa coisa destituída de sentido”.²⁸ Essa ponderação oferecida por Schillebeeckx evidencia o lugar da teologia na vida humana: o sentido. Cabe lembrar que o ser humano não apenas desenvolve tarefas e produz capital, mas é, sobretudo, sujeito de sentido. Destituir o ser humano de sentido é negar a dimensão espiritual, isto é, sua autoconsciência.

Tal destituição tornaria o ato de fé impossível, uma vez que na revelação se apresenta a verdade última do ser humano, a participação na vida divina pela via da humanização (*Lumen Gentium* 39-40) que lança seu impulso na esperança. A afirmação da carta de Pedro: “santificai a Cristo, o Senhor, em vossos corações, estando sempre prontos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vô-la pede” (1Pe 3,15), insere o crente na dinâmica teológica de uma fé refletida e vivenciada. Nessa altura da

26 “La revelación teológica versa sobre el contenido de la fe, a saber, sobre el acontecimiento de la revelación de Dios en Cristo, tal como há sido expresado en la sagrada Escritura y es trasmitido por la comunidad eclesial (aquí encuentra el teólogo católico ante el magisterio como concreción normativa de la fe eclesial). La teología está pues referida a un acontecimiento determinado (que de algún modo ha tenido lugar en la historia), a su expresión en un mensaje concreto (contenido y lenguaje) y a su compresión-interpretación por la fe de la Iglesia (tradición).” (ALFARO, Juan. *Revelación Cristiana, fe y teología*, p. 124.)

27 BONHOEFFER, D. apud FORTE, B. *Teología como companhia, memória e profecia*, p. 9.

28 SCHILLEBEECKX, E. *Revelação e teologia*, p. 91.

reflexão se impõem as perguntas: haverá na teologia uma dimensão apologética válida hodiernamente? Que sentido e relevância tem estudar e fazer teologia hoje?

A apologética enquanto palavra de resposta faz parte da vida cristã. O cristão é motivado a colocar-se nas realidades com sua esperança, e não apesar dela. Não há esperança cristã destituída da fé que fundamenta o agir cristão. Para o teólogo italiano Bruno Forte, “desde que ressou a boa-nova, e alguns corações se abriram a ela, existiu inseparavelmente o esforço para dar razão da esperança que muda o mundo e a vida. A recusa de toda apologética equivale a renúncia de todo elã missionário”.²⁹ Mas que apologética, ou melhor, que palavra de resposta, ou ainda, como a prática pastoral pode ser o espaço de transmissão da esperança cristã que se fundamenta na fé ativa?

Ao longo da história, a apologética se desenvolveu de diferentes formas.³⁰ Uma delas foi a objetividade, cuja preocupação era transmitir e defender a verdade imutável diante das realidades da vida pelo diálogo racional. A fragilidade, dessa forma, apresenta-se na pouca consideração pela experiência e na subjetividade das pessoas. Um outro modelo de apologética foi a que deu destaque à subjetividade. Sua forma estava baseada em identificar e despertar no ser humano seu desejo de Deus, seus movimentos interiores mais profundos. Tem sua força no caráter antropológico apontando a necessidade da abertura humana a Deus, todavia torna-se excessivamente subjetiva colocando o ser humano no centro, por vezes descontextualizado, deixando a história em segundo plano.

Uma apologética válida para hoje precisa considerar a concretude histórica, o contexto existencial para a quem se anuncia a esperança cristã. E para uma apologética, digamos assim, diaconal, “a verdade não vive em si e onde nenhum homem é uma ilha, mas onde - na densidade da linguagem e na riqueza da vida - pode realizar-se o encontro, onde o coração do homem se abre à verdade e a verdade ao coração do homem”.³¹ Em outras palavras, trata-se de uma apologética que resgate a dinâmica da vida como caminhada ao encontro de uma esperança que comunica sentido. Uma apologética que anuncie o advento de Deus ao encontro dos peregrinos da existência para comunicar um sentido escondido na realidade que, ao ser encontrado, abre caminho para além da história.

Essa dinâmica apologética no anúncio da esperança inscreve a fé no *rol* das opções fundamentais com três elementos: o afeto, o conhecimento e a norma. Esses três elementos respondem as perguntas: *onde?*, *o quê?* e *como?*. O *onde* está relacionado ao encontro entre o ser humano e Deus - a experiência fundante da fé; o *o quê* está ligado à palavra, a sistematização da fé - a doutrina; e o *como*, à prática - a dimensão vivencial. Estes três elementos tornam ainda mais claro o modo como se relaciona o conhecimento teológico e a prática pastoral, pois estabelece três importantes critérios de evangelização: o encontro pessoal com Jesus Cristo, o estudo da fé e a prática como testemunho da esperança.

Esses elementos pedem consideração pelo contexto em que se vive. Uma atividade pastoral que não leve em consideração os elementos contextuais corre o risco do desespero e do ativismo em busca de soluções imediatas, ou da superstição em busca de soluções instantâneas. A realidade é elemento fundamental no estudo teológico uma vez que oferece questões, inquietações e possibilidades. Na teologia, *fides quaerens intellectum*, o cristão encontra elementos que o permitem

29 FORTE, B. *Teologia como companhia, memória e profecia*, p. 10.

30 Para aprofundamento: FORTE, B. *A teologia como companhia, memória e profecia*, p. 11-14.

31 FORTE, B. *A teologia como companhia, memória e profecia*, p. 12.

compreender e, desde a realidade, apresentar as razões de sua esperança que comunica sentido e possibilidades.

3 TEOLOGIA: FUNDAMENTO DE UMA PRÁTICA

Neste contexto surge a pergunta: “quem vai refletir sobre os fundamentos últimos de sua fé? Quem vai perguntar-se pelo significado de sua fé? Por sua verdade?”³² Aqui se percebe, uma vez mais, que o exercício teológico alcança a prática pastoral quando encontra um sujeito disposto à maturidade da fé, mergulhado no seu contexto, onde se vê na tensão entre a secularização e a procura pelo Sagrado no interior de uma Tradição religiosa-teológica.

Faz teologia, e não apenas consome teologia, o “ser humano concreto, consciente de seu autovalor, de sua liberdade, de sua autonomia e que se sente violentado por imposições de verdades extrínsecas e vindas de fora em nome de alguma autoridade”³³ A busca por uma verdade, isto é, pela compreensão profunda da realidade à luz da esperança cristã move o exercício teológico.

O exercício teológico não é senão, a reflexão sobre os mistérios diante dos quais a fé presta sua reverência obediencial e, a partir deles, é impulsionado ao encontro dos problemas concretos que envolvem a vida humana na esperança de encontrar possibilidades de ação. Foi o que propôs o sacerdote Belga Joseph Cardijn, eleito cardeal em 1965, com o método Ver-Julgar-Agir da Ação Católica.³⁴

A teologia precisa estar sempre ligada à vida concreta. O anúncio da esperança cristã e, por conseguinte, o chamado ao ato de fé como opção fundamental só farão sentido se a teologia souber com razoabilidade “manifestar a significação para o homem de hoje do mistério cristão no seu conjunto em profunda articulação com a consciência que ele tem de si, de sua autonomia, de sua realidade profunda, de seu valor”³⁵. O alcance desta afirmação pode ser percebido naquilo que disseram os padres conciliares acerca da vida cristã:

O Concílio exorta os cristãos, cidadãos de uma e outra cidade, a procurarem desempenhar fielmente suas tarefas terrestres, guiados pelo espírito do Evangelho. Afastam-se da verdade os que, sabendo não termos aqui cidade permanente, mas buscamos a futura, julgam, por conseguinte, poderem negligenciar os seus deveres terrestres, sem perceberem que estão mais obrigados a cumpri-los por causa da própria fé, de acordo com a vocação à qual cada um foi chamado. Não erram menos aqueles que, ao contrário, pensam que podem entregar-se de tal maneira às atividades terrestres, como se elas fossem absolutamente alheias à vida religiosa, julgando que esta consiste somente nos atos do culto e no cumprimento de alguns deveres morais. Este divórcio entre fé professada e a vida cotidiana de muitos deve ser enumerado entre os erros mais graves do nosso tempo [...] Ao negligenciar os seus deveres temporais,

32 LIBANIO, J. B. *Teologia da revelação a partir da modernidade*, p. 79.

33 LIBANIO, J. B. *Teologia da revelação a partir da modernidade*, p. 81.

34 Movimento católico que “punha em destaque o local de trabalho como o cenário próprio para os cristãos realizarem a sua vocação batismal, infundindo valores evangélicos n mundo. Uma das características deste movimento era um processo de reflexão comunitária em três passos: ver, julgar, agir”. (CLIFFORD, C.; GAILLARDETZ, R. R. As “chaves” do Concílio: à descoberta do Vaticano II, p. 156.

35 LIBANIO, J. B. *Teologia da revelação a partir da modernidade*, p. 85.

o cristão negligencia os seus deveres para com o próximo e o próprio Deus e coloca em perigo a sua salvação eterna (*Gaudium et Spes* 43).

É notório na citação acima que o Concílio Vaticano II se empenhou em exortar os cristãos a redescobrirem a dimensão existencial de sua fé, entendendo que “a integração dos valores cristãos na esfera familiar, social, política, cultural e econômica não se daria por decreto eclesiástico, mas pelos cristãos comuns, recorrendo às suas próprias competências”.³⁶ Essa redescoberta do valor e da colaboração ativa de todos os cristãos está na redescoberta da dignidade batismal e, por consequência, na retomada da iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal.

O tríplice múnus do batismo (profetismo, sacerdócio e pastoreio real) é base para o discernimento da ação pastoral, considerando que se trata de uma participação efetiva na *Missio Dei* que em Cristo se realizou de modo único e irrepetível. Por essa inserção batismal, os cristãos, na comunidade de fé, “participam da função essencial dela: dar, com toda a sua vida, uma forma visível à graça, e, assim, serem eles próprios, neste mundo, um sinal eficaz e visível da graça”.³⁷

Nesta perspectiva, a Igreja se comprehende “na condição de comunidade daqueles e daquelas que foram escolhidos para levar adiante a visão de Jesus [...] a qual se destina à humanidade e ao todo da criação”.³⁸ Num mundo cada vez mais plural, a identidade da Igreja depende da fundamentação de sua esperança, isto é, de sua consciência do Reinado de Deus anunciado por Jesus. Um reinado que pela fé, enquanto opção fundamental, torna-se verdadeiramente presente na vida humana.

O filósofo Jacques Maritain, reclamando por uma compreensão ativa da Igreja e sua dimensão pública, afirmou: “Se compreendêssemos mais o mistério da Igreja, colheríamos no meio de suas vicissitudes temporais o seu desejo eficaz e primordial, o de não estar separada do povo. Tudo, menos, porém, esta separação monstruosa”.³⁹ Tais afirmações reconhecem a cidadania da fé e exortam a uma renovada percepção do exercício da fé. Noutras palavras, “viver e atuar na firme esperança quanto ao triunfo final do Reino de Deus. Diante de evidencias contrárias, os cristãos conscientes do Reino aferram-se à convicção de que Deus finalmente irá tragar todo o mal, ódio e injustiça”.⁴⁰

Em última análise, implica compreender que o espaço entre o sagrado e o secular foi preenchido por Jesus Cristo, Deus que se fez homem, assumiu a vida humana em suas vicissitudes e revelou seu significado último. Isto indica que “a tarefa da evangelização implica e exige uma promoção integral de cada ser humano. Já não se pode afirmar que a religião deve limitar-se ao âmbito privado e serve apenas para preparar as almas para o céu” (*Evangelii Gaudium* 182). Com a encarnação do Verbo Eterno, a história humana passa a ser história de salvação ou de não salvação, ao invés do dualismo sagrado e profano. Schillebeeckx assim sublinha esta questão: “havemos compreendido que o cristão não deve somente trabalhar para o céu, que ele é igualmente responsável pela terra e pelo seu futuro”.⁴¹ A fidelidade ao destino sobrenatural se efetiva na responsabilidade pelo mundo em que se vive.

36 As chaves do concilio, in papel do leigos no mundo, p. 160

37 SCHILLEBEEKX, E. *Revelação e teologia*, p. 386.

38 FUELLENBACH, J. *Igreja: comunidade para o Reino*, p. 330.

39 MARITAIN, J. *Por um humanismo cristão*, p. 63.

40 FUELLENBACH, J. *Igreja: comunidade para o Reino*, p. 331.

41 SCHILLEBEEKX, E. *Revelação e teologia*, p. 384.

Essa corresponsabilidade com o destino da humanidade, expressão da fidelidade à vocação sobrenatural, é apresentada no Decreto *Apostolicam Actuositatem* sob três aspectos. O primeiro deles é a evangelização e a santificação. Para o exercício desse aspecto, afirma o decreto: “devem os leigos formar-se especialmente para manter o diálogo com os outros, crentes ou não, para a todos manifestar a mensagem de Cristo” (*Apostolicam Actuositatem* 31). Como se pode observar, o múnus profético é apresentado como exercício de diálogo. A consideração pelo outro e o anúncio do Evangelho são inseparáveis. O fomento de uma espécie de amizade civil (Cf. Compêndio de Doutrina Social da Igreja 390) é inseparável do exercício teológico na pastoral, uma vez que o verdadeiro diálogo sempre levará os interlocutores à Verdade.

Um segundo aspecto é a renovação da ordem temporal. Para esse exercício pastoral, recomendam os Padres Conciliares que se conheça o “verdadeiro significado e valor dos bens temporais [...] visando sempre o bem comum em conformidade com os princípios da doutrina e moral social da Igreja” (*Apostolicam Actuositatem* 31). Neste elemento, a dimensão batismal do pastoreio real se coloca na colaboração com a ordem temporal da qual o bem comum é o objeto de anseio geral.

Por fim, o terceiro aspecto é a prática das obras de misericórdia que apresentam um testemunho luminoso de vida cristã (*Apostolicam Actuositatem* 31). As obras de misericórdia apontam para o exercício do múnus sacerdotal como participação no sacerdócio de Cristo. Para tal, implica a entrega de si mesmos pelo bem do outro, força e princípio do testemunho. Obras de misericórdia sem uma entrega de si se reduzem a uma espécie de assistencialismo frio e impessoal.

O que até este ponto fora dito pede uma teologia disposta a Deus e ao ser humano. Nesse sentido, olhar para Maria, a primeira discípula e tipo da Igreja, pode ajudar a captar a essência do exercício teológico. Nela, o Verbo eterno assumiu a condição humana. Uma teologia com inspiração mariana pode dar à dinâmica científica do estudo a sensibilidade necessária.

A esperança que fora anunciada a Maria pelo anjo Gabriel passou pelo discernimento da fé antes do sim que a comprometeu existencialmente. Conhecedora da Tradição de seu povo e consciente do seu contexto histórico, como se pode observar no Magnificat, a participação de Maria na obra de salvação não foi simplesmente de um instrumento passivo, mas em espírito de verdadeira cooperação (cf. *Lumen Gentium* 56). Tal colaboração aconteceu “de modo inteiramente singular, pela obediência, fé, esperança e ardente caridade” (*Lumen Gentium* 61). Por essa razão, na ordem da graça, Maria é para a Igreja seu modelo de fé, caridade e união com Cristo. É para a teologia inspiração de discernimento, tendo os elementos da fé e da realidade diante de si.

Maria, dizem os padres conciliares, “deu em sua vida o exemplo daquele materno afeto do qual devem estar animados todos os que cooperam na missão apostólica da Igreja para a regeneração dos homens” (*Lumen Gentium* 65). Esses aspectos, como dito acima, permitem acenar para uma teologia que pretende ser científica sem renunciar o mistério da fé. Uma teologia que tornada ciência hermenêutica se apresenta como apologética de esperança pautada na ternura do acolhimento, na disposição ao mistério para manifestar a verdade libertadora do Evangelho pela via do diálogo. Afinal, uma “visão mariana da Igreja [e da teologia] é o melhor remédio para uma Igreja meramente funcional ou burocrática” (Documento de Aparecida 268). Nela o teólogo encontra seu paradigma de fidelidade a Cristo, *spes non confudit*.

CONCLUSÃO

A formação teológica implica fomento de espaços de estudo e aprofundamento que permitam acesso ao conhecimento teológico. Desse aprofundamento decorre a maturidade humana e eclesial necessária a uma prática pastoral coerente com o Evangelho. A teologia enquanto ciência da fé possui, ao mesmo tempo, uma dimensão hermenêutica e apologética que fundamenta sua esperança. Esses elementos somente podem ser eficazes com uma justa preparação, e não com a manipulação de dados e conteúdo da Tradição cristã.

Sobre a objetividade da teologia, pode-se concluir que está no fato de que a hermenêutica da fé parte da realidade como elemento dado e iluminado pela revelação de Deus em Jesus Cristo. Dessa objetividade reflexiva decorre a índole política e pública da fé a qual os cristãos e cristãs não podem renunciar como se vivessem em uma sociedade paralela. Uma religião apolítica torna-se, sem dúvida, ópio do povo.

É preciso considerar sempre a dimensão política no exercício da fé, pois o que está em jogo é a realização do sentido último da vida que se dá em sociedade e, com ele, a salvação do gênero humano. O enclausuramento da teologia em abstrações inférteis ou em seu saudosismo empurra o teólogo para uma alienação da realidade e reduz as relações sociais a uma dimensão instrumental que se converte em ideológica. Pensar teologicamente, portanto, é considerar todas as dimensões da vida humana como indispensáveis à realização do sentido último da vida revelado em Jesus Cristo.

Por fim, ter presente as considerações do Concílio Vaticano II é manter-se no princípio eclesial da continuidade que edifica a Tradição da Igreja pelo exercício do Magistério atento aos sinais dos tempos. Salvaguardar o conteúdo da fé é fundamental para que um exercício hermenêutico adequado seja assegurado e coloque os conteúdos da fé em diálogo com diferentes áreas da sociedade de modo assertivo. A comunidade cristã, depositária dessa Tradição Magisterial à Luz da Revelação, é a primeira convocada a aprofundar a fé, a fim de dar as razões da esperança que não decepciona (cf. Rm. 5,5).

REFERÊNCIAS

- ALFARO, J. **Revelación Cristiana, Fe y Teología**. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1994.
- AQUINO, T. de. **Suma Teológica**. São Paulo: Loyola, 2003.
- BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2003.
- BOFF, C. **Teoria do método teológico**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- CELAM. **Documento de Aparecida**: Texto conclusivo da V conferência geral do episcopado Latino-Americanano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.
- CONCÍLIO Vaticano II. Apostolicam actuositatem. In: VIER, F. (Coord. Geral). **Compêndio do Concílio Vaticano II**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 529-567.
- CONCÍLIO Vaticano II. Gaudium et Spes. In: VIER, F. (Coord. Geral). **Compêndio do Concílio Vaticano II**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 143-256.

CONCÍLIO Vaticano II. *Lumen Gentium*. In: VIER, F. (Coord. Geral). **Compêndio do Concílio Vaticano II**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 39-117.

CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ. **Instituição Donum veritatis**: sobre a vocação eclesial do teólogo. [1990]. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19900524_theologian-vocation_po.html. Acesso em: 25 jan. 2017.

DENZINGER, H. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2013.

FORTE, B. **A teologia como companhia, memória e profecia**. São Paulo: Paulinas, 1991.

FUELLENBACH, J. **Igreja: comunidade para o reino**. São Paulo: Paulinas, 2006.

GAILLARDETZ, R. R.; CLIFFORD, C. E. **As “chaves” do Concílio: à descoberta do Vaticano II**. São Paulo: Paulinas, 2012.

LELOUP, J.-Y. **O Livro de Salomão: a sabedoria da contemplação**. Petrópolis: Vozes, 2020.

LIBANIO, J. B. **Eu creio, nós cremos: tratado da fé**. São Paulo: Loyola, 2004.

LIBANIO, J. B. **Teologia da revelação a partir da modernidade**. São Paulo: Loyola, 1992.

MARITAIN, J. **Por um humanismo cristão**. São Paulo: Paulus, 1999.

PAPA Francisco. **Evangelii Gaudium**: exortação apostólica. Roma, [2013]. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 30 jan. 2017.

PAPA PIO X. **Vehementer Nos**: encíclica. Roma, [1906]. Disponível em: http://www.montfort.org.br/bra/documentos/enciclicas/vehementer_nos/. Acesso em: 31 jan. 2017.

RATZINGER, J. **Introdução ao cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2005.

RESTORI Memore. **A missão no Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015.

SCHILLEBEECKX, E. **Revelação e teologia**. São Paulo: Paulinas, 1968.

SCHNEIDER, T. **Manual de dogmática**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. v. 2.

ZILLES, U. **História da Teologia Cristã**. Porto Alegre: Suliani, 2014.